

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO SUSTENTÁVEL – IPADES**

Destques IPADES, junho de 2012

Profissões “Verdes” São a Bola da Vez

As profissões “verdes” terão 25 milhões de vagas até 2030, segundo estimativa da Organização Internacional do Trabalho (OIT). A projeção consta do relatório Rumo ao Desenvolvimento Sustentável: Oportunidade de Trabalho Decente e Inclusão Social em uma Economia Verde. Gostar do meio ambiente e ser engajado na preservação dos recursos naturais são fortes ferramentas para garantir uma vaga na economia verde, que atualmente emprega 2.970 milhões de pessoas.

O mercado além de promissor é multidisciplinar. As profissões “verdes” não são novas, todas as áreas que têm alguma ligação com o impacto ambiental são consideradas verdes. Nova é consciência ambiental coletiva que está se formando dando novo enfoque a essas profissões, como: **manejo florestal, plantio de florestas, sistema plantio direto, biotecnologia, integração lavoura-pecuária-floresta, fixação biológica de nitrogênio, recuperação de áreas degradadas, tratamento de resíduos animais, saneamento, produção de energia renovável, gestão de resíduos urbanos ou industriais, transporte e logística, educação, etc.**

Como exemplo dessa diversidade de opções nas profissões tem-se o exemplo da publicitária Ana Paula Juliato, de 29 anos, que participou da criação da marca Recicla Kids, com cinco personagens que tem o objetivo de ensinar às crianças a importância da reciclagem na preservação do meio ambiente. **Não basta falar é importante mostrar às crianças o que está acontecendo e o que elas podem fazer para contribuir. Nesse agir se formarão ações e consciência preservacionistas.**

Todavia, a real implantação dessa proposta passa por incentivos financeiros para estimular a mudança de padrões nas empresas, a adoção de diálogo permanente com

os diversos setores da sociedade e a garantia de políticas de mercado de trabalho que complementem políticas econômicas e socioambientais.

Azeite de Oliva Brasileiro

Há sete anos, quando os primeiros produtores com fazendas no sul de Minas Gerais começaram a plantar oliveiras, a iniciativa ainda tinha ares de experiência. A planta não tem tradição na região. O café domina parte das terras mineiras da Serra da Mantiqueira. Mas os produtores de oliva insistiam e apostavam que dali a alguns anos teriam um novo e lucrativo produto nas mãos: azeite de oliva extra virgem. E eles estavam certos.

Hoje são 350 mil pés em 750 hectares espalhados por 50 municípios - 40 deles em Minas e dez, em São Paulo. Uma associação dos produtores de oliva também está trabalhando na criação de uma marca própria. A acidez do azeite do sul de Minas está em média em 0,4%. Uma produtora já conseguiu chegar a 0,2%. Além do sul de Minas, azeite de oliva também tem sido produzido no Rio Grande Sul.

Fazendo as contas: pelo valor de hoje, daqui a quatro anos, quando as oliveiras do sul do Estado estiverem todas no ponto e produzindo oito mil toneladas de olivas, o que rende 500 a 600 mil litros de azeite, o negócio movimentará de R\$ 100 milhões a R\$ 120 milhões. A safra deste ano produziu 30 toneladas e 3,5 mil litros do óleo.

A Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais - Epamig foi que em 2004 começou a estimular o plantio de oliveiras. A empresa tinha algum *know-how* com a cultura desde os anos 50, mas nunca havia dado muita prioridade ao assunto. Em 2005, cerca de 10 mil pés foram plantados na região de Maria da Fé numa área que somava 20 hectares. A Epamig lança livro inédito "**Oliveira no Brasil: tecnologias de produção**" durante a abertura oficial da SuperAgro Minas 2012, nesta quinta-feira (7), às 11h, no Expominas-BH.

Em 2009 foi criada a Associação dos Olivicultores dos Contrafortes da Mantiqueira, que utiliza tecnologia desenvolvida pela EPAMIG para o cultivo de oliveiras e produção de azeite. É pioneira no país.

A Amazônia tem na palmeira patauá (*Oneocarpus bataua*) sua espécie produtora de óleo similar azeite de oliva. O óleo extraído do mesocarpo do patauá

apresenta-se como um líquido amarelo esverdeado, transparente, com odor pouco pronunciado e gosto semelhante ao do óleo de oliva bem como na sua aparência física e composição de ácidos graxos. É notável o seu alto grau de ácidos graxos insaturados.

A Epamig fez a produção do azeite de oliva uma realidade em Minas Gerais. Na Amazônia é chegado o momento das instituições de pesquisa, principalmente a Embrapa e o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA colocarem o pautauá, em suas pesquisas, com esse objetivo.

Zebu Brasileiro com Paladar Europeu

O Brasil tem o maior rebanho Zebuino comercial do mundo. Lidera as exportações de carne, mas a maciez da carne do Zebu (*Bos taurus indicus*) é inferior a do boi europeu (*Bos taurus taurus*) que lidera em qualidade os mercados nacional e internacional.

A manutenção da competitividade da bovinocultura de corte implica a produção de carne com máxima eficiência e com um padrão de qualidade que atenda aos mercados mais exigentes. Dentre as características de qualidade da carne bovina, a maciez assume posição de destaque, sendo considerada a característica organoléptica de maior influência na aceitação da carne por parte dos consumidores.

O desafio é “amaciar” a carne do Zebu. Esse desafio está sendo enfrentado pela Embrapa Pecuária Sudeste que fez pedido de patente internacional, na Canadá e Estados Unidos, para uma tecnologia que identifica, precocemente, animais com potencial para carne macia.

Esse desafio vem sendo enfrentado há um bom tempo com os F1s provenientes de cruzamentos entre animais re raças zebuínas e européias, e principalmente do cruzamento industrial ou terminal (por permitir maior flexibilidade para atender às demandas do mercado). Mas com a genética molecular utilizada no melhoramento animal, essa possibilidade tem se tornado mais evidente

Por isso, a identificação precoce de animais que apresentam potencial para produção de carne mais macia, por meio da utilização de testes de DNA, constitui uma

ferramenta importante para viabilizar a seleção dos reprodutores que possuem essas características, aumentando, assim, a qualidade da carne do rebanho comercial.

Os ganhos genéticos poderão ser acelerados com a integração das descobertas sobre as bases genéticas e moleculares que regulam tais características aos programas de melhoramento clássico, permitindo a formação de rebanhos mais uniformes quanto às características dos produtos derivados.

A novidade é o trabalho direcionado para a raça Nelore, que tem na maciez da carne um dos seus maiores desafios. A identificação é feita por marcadores moleculares, espécie de trechos do DNA responsáveis por determinadas características. A tecnologia foi desenvolvida em parceria com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp.

O depósito de patente foi feito no Brasil em setembro de 2010 junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI). Após o depósito, a tecnologia passa por exames para que a patente seja aprovada ou não. Enquanto isso, já pode ser comercializada. Negociações estão em curso com empresas para licenciamento do método e kit de marcadores moleculares.

Brasil: Sexta Economia Mundial, Mas.....

O Natal de 2011 deu um bom presente para a economia brasileira. O jornal britânico The Guardian noticiou que o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil ultrapassara o do Reino Unido, tornando-se o sexto maior do planeta.

O desenvolvimento não é medido apenas pelo crescimento econômico, sua outra face é a qualidade de vida, medida pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), calculado pela ONU (Nações Unidas), aqui o Brasil está na 84ª posição.

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, afirmou que o próximo passo é ultrapassar a economia francesa, e que 15 a 20 anos seriam necessários para que o padrão de vida médio do brasileiro atinja o atual nível dos

britânicos. O primeiro prognóstico tem grande chance de acontecer, quanto ao segundo, está mais para “sonho de uma noite de verão”.

O padrão de vida no Reino Unido é um dos mais elevados do mundo, com uma renda por habitante de US\$ 35 mil, a comparar com os US\$ 12 mil do brasileiro. A qualidade da educação na Inglaterra é reconhecida como das mais elevadas do mundo. A renda é relativamente bem distribuída. A infra-estrutura de serviços como transporte público, saneamento, segurança pública, saúde pública, estradas, ferrovias, aeroportos, justiça – é, em geral, de qualidade incomparavelmente superior à brasileira.

Mesmo o Brasil crescendo, em média, mais do que as economias da Zona do Euro e a norte-americana, há riscos de que não consiga sustentar o crescimento médio de 3,8% dos últimos dez anos. Isto por que: 1) a taxa de poupança e investimento é relativamente pequena, abaixo dos 20% do PIB; 2) carga tributária muito elevada (superior a 35% do PIB em 2011); 3) infraestrutura deteriorada e insuficiente (estradas, ferrovias, portos, aeroportos, vias urbanas, saneamento etc.); 4) baixa qualidade dos gastos públicos; 5) ensino com nível baixo (há ilhas de excelência que são exceção); 5) sistema operacional muito burocratizado; 6) judiciário deficiente, lento e, muitas vezes, corrupto; 7) graves problemas na área de segurança pública.

Felizmente, o país não está parado, nem regredindo, na maioria das frentes de trabalho em prol de uma qualidade de vida melhor, entretanto, a velocidade do progresso é quase sempre menor do que o país precisa para vencer seus gargalos.

Sumarizando, o país pode comemorar essa posição no *ranking* da economia mundial, mas é importante que a sociedade brasileira atente que ainda está muito longe de atingir padrões de qualidade de vida já alcançados no Reino Unido e na maioria dos países desenvolvidos.

A Crise Européia Tem o Que Ensinar ao Brasil

A crise européia é analisada sob dois enfoques. Um afirma que ela se instalou pela falta de disciplina fiscal de alguns países. Outro diz que a crise é resultado de uma união monetária entre países com níveis competitividade muito diferentes, o que levou a persistentes desequilíbrios de balança de pagamentos (conta que registra a entrada e a saída de moeda estrangeira de um país). Na verdade as duas se complementam.

No aspecto da disciplina fiscal alguns países mantiveram por um longo período as contas públicas no limite do aceitável. Não é o caso do Brasil, porém o setor público brasileiro, em seus três níveis, com algumas exceções, é bastante ineficiente, gasta muito e gasta mal.

A competitividade é a chave para manter a economia crescendo no longo prazo. Na União Européia, com moeda comum, a competitividade de um país fica determinada quase totalmente pelos custos de produção. Nessa condição os alemães acertadamente preferiram conter o aumento dos salários, mesmo tendo uma mão-de-obra mais produtiva e um sistema de produção em geral mais eficiente, e significasse consumo mais moderado.

Quanto a produtividade, o Brasil, apesar dos significativos avanços que a economia brasileira obteve nos últimos 20 anos, não dá para negar que tem ficado cada vez mais caro produzir aqui. Entre as diversas razões do elevado custo Brasil merecem destaque: 1) elevados custos logísticos e de transporte; 2) elevados custos de energia, e em algumas regiões a sua ineficiência; 3) elevados custos de capital; 4) elevada e predatória carga tributária; 5) excessiva burocracia; 6) mão-de-obra cara relativamente a sua produtividade.

O Brasil tem apresentado como álibi o seu crescente mercado interno. No entanto, é necessário alertar que apenas esse mercado e as vantagens comparativas naturais brasileiras não serão suficientes para sustentar o desenvolvimento da nação no longo prazo. Sem mão-de-obra razoavelmente qualificada e produtiva, não haverá qualquer chance do país se manter no competitivo mercado internacional.

O caminho é longo e a caminhada já deveria ter sido iniciada, caso contrário o país corre sério risco de perder as conquistas pós Plano Real.